

# humanitas

Vol. III

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HVMANITAS

VOLUME III



**COIMBRA**  
MCML - MCMLI

Luigi Illuminati — *L'elegia romana in relazione alla elegia greca* Corso di letteratura latina nella R. Università di Messina  
— Anno accademico 1945-1946. Messina, Casa Editrice G. d'Anna,  
1946. 108 pp.

Como o subtítulo indica, o livro contém a matéria de um curso professado na Universidade de Messina no ano lectivo de 1945-1946. É urna espécie de sebenta, sem aparato científico e, além disso, coalhada de não poucas gralhas tipográficas e erros de citações. Pondo de parte estes senões, o livro não deixa de apresentar interesse como síntese doutrinal.

Depois de haver recorrido sobre a etimologia da palavra *elegia* e as origens da poesia elegíaca (c. I), e de resumir numas quantas páginas o que sobre o pentâmetro dactílico mais pormenorizadamente expõe Koster no *Traité de métrique grecque suivi d'un précis de métrique latine* (c. π), o A. passa a enumerar os poetas elegíacos gregos pré-alexandrinos (c. III), insere um capítulo (IV) sobre as relações entre a arte helenística, para finalmente resenhar os principais cultores da elegia alexandrina (c. V) e da elegia romana (c. VI).

Este oyplano da obra. Permitam-se-nos algumas reflexões.

Logo de entrada é invocado o testemunho de Quintiliano : «*elegia quoque Graecos prouocamus*» (Inst. Orat., x, i, 93), que não podia deixar de relembrar outra frase idêntica do mesmo escritor, relativa á sátira: «*Satura quidem tota nostra est*» (ib., x, 1,93). São expressões enfáticas, assevera Illuminati, e, para corroborar o seu juízo, aduz um passo das *Tusculanas* de Cícero, em que o orador romano reivindica, por seu turno, certa superioridade de Roma sobre a Grécia no domínio da especulação filosófica.

Justapostos estes textos, era natural que se lhes seguisse a discussão. Mas esta, infelizmente, está longe de ser conduzida com a profundidade que seria de esperar.

No referente à sátira, encosta-se o A. à opinião de Terzaghi, segundo a qual a originalidade da sátira romana deriva da fusão, operada por Lucílio e Horácio, de elementos que os predecessores latinos e helénicos de Lucílio não utilizaram, idênticos aos que Horácio empregou na feitura das sátiras 5.<sup>a</sup>, 7.<sup>a</sup>, 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup> do livro primeiro dos *Sermones*. E, ao ocupar-se da elegia, além das conclusões que tira da dupla feição, enco-miástica e plangente, da mesma, baseando-se, para tal, nalguns textos de escritores gregos, e principalmente em dois passos de Eurípides e de Tucídides, e no testemunho da *Arte Poética* de Horácio, praticamente pouco

mais acrescenta. Admite a manifesta influência da elegia grega sobre os elegíacos latinos, com a reserva de que estes não imitaram servilmente os seus antecessores helênicos e helenísticos, visto que os superam no patético e dos últimos se destacam pelo uso mais discreto que fazem da erudição.

Esperávamos uma exposição minuciosa dos argumentos pró e contra a originalidade dos elegíacos latinos. Quer-nos parecer que esta é hoje salientada pela maioria dos críticos literários que se ocupam do assunto, apesar das dificuldades em assumir uma atitude decisiva, provenientes da escassez de documentação relativa à literatura helenística. Parece-me que a natureza e finalidade deste livro não dispensava o A. de o enriquecer com as indicações bibliográficas indispensáveis sobre o problema, assim como sobre a questão da originalidade da sátira, antes mencionada, para facultar aos alunos a possibilidade de se informarem das várias facetas que tanto a sátira como a elegia apresentam na literatura latina.

E, assim, lamentamos não encontrar sequer uma alusão ao comentário das *Sátiras* de Horácio, de P. Lejay, nem ao livro de Day sobre a elegia amorosa latina, para não falar de outras obras. Eu julgo que tanto a elegia como a sátira se devem integrar numa visão mais ampla, que abrace todo o vasto panorama da literatura do Lácio, e que é tempo de considerar esta literatura não apenas como imitação da literatura grega, mas sim como a sua continuação. Os autores latinos inspiraram-se, decerto, nos seus predecessores da Grécia, mas sem deixarem de se opor, uns mais, outros menos, à influência do helenismo, valendo-se para isso dos elementos que o ambiente itálico lhes proporcionava. E partindo deste pressuposto é que o historiador deve procurar estabelecer, em cada um dos géneros literários e para cada um dos seus cultores, a parte de originalidade que lhe compete no aproveitamento e remodelação dos temas, nas inovações formais, etc.

O A., propondo-se investigar as relações entre a elegia latina e a elegia grega, tinha ótima ocasião para elucidar, num campo circunscrito, algumas das dúvidas que ensombram a poesia clássica. Não o fez. Mesmo assim, deverá salientar-se o capítulo iv, em que se apontam interessantes elementos que esclarecem a interdependência da arte e da poesia helenísticas, tomando para base certas pinturas e esculturas de Pompeios. É este um aspecto da questão que geralmente os críticos deixam de lado, mas que, a ser convenientemente explorado, derramará decerto profusa luz sobre determinadas tendências da poesia helenística e da poesia latina. Os comentários do A. a respeito do grupo de Laocönte, do desespero de

Ariadna e das cenas de iniciação ôrfica da *Villa dei Misteri* de Pompeios, podem servir de iniciação a quem quiser pesquisar este fecundo veio.

Nos últimos três capítulos enumeram-se os principais representantes da poesia elegíaca grega clássica, alexandrina e romana. Apenas duas observações.

Num livro em que se pretende estudar a relação entre a elegia romana e a elegia grega, achamos desproporcionada a importância atribuída a Catulo, relativamente aos poetas mais representativos do género, do tempo de Augusto. O A. espraia-se em valorizar a riqueza de conteúdo, e de personalidade, das poesias catulianas. Claro está que daí resulta uma compreensão mais perfeita da obra deste poeta; mas porque não fez outro tanto com os elegíacos subsequentes, em vez de se limitar quase só a uma simples exposição dos temas versados, sem a correspondente análise das facetas que eles ostentam ?

Além disso, ao tratar de Tibulo, não alude sequer ao problema da autoria das composições que integram o *Corpus Tibullianum*. Ficamos com a impressão de que todos os poemas aí contidos se devem à inspiração de Tibulo. É falha imperdoável, para a qual não encontramos explicação, a não ser talvez a pressa em chegar ao fim.

Em suma : temos, neste livro, uma monografia sobre a elegia latina, que dá uma síntese do assunto, valiosa como iniciação, mas que lucraria imenso em ser retocada e ampliada nalguns dos seus pormenores.

A. PINTO DE CARVALHO.

## OBRAS VÁRIAS

Paideia — *Rivista letter aria di informazione bibliográfica*, diretta da VITTORE PISANI. Libreria Paideia — Arona, Librairie Klincksieck — Paris, anno iv (1949), fasc. 1-6.

A revista italiana *Paideia*, que acaba de entrar no seu quinto ano de publicação (1), é já bem conhecida das pessoas interessadas por estudos linguísticos e literários. Eis a razão por que nos parece quase que des-

(1) À data da redacção desta crítica.